



**Novos Modelos
de Negócio para
a Fileira Têxtil
e Moda**

Conclusões

**CITEVE V. N. FAMALICÃO
19 DE OUTUBRO
2016**



Associação
Têxtil e Vestuário
de Portugal

A black and white fashion model is the central figure, wearing a vibrant red, sleeveless, form-fitting dress. She stands with her hands on her hips, looking directly at the camera with a neutral expression. The background is a solid, bright red. Overlaid on the image is large, bold, white text. The text is arranged in several lines: 'XÉF' is at the top left, 'RUI' is in the middle left, 'M, DA' is in the middle right, 'INDUS' is at the bottom left, 'TRIA' is at the bottom right, and 'TÊXTIL' is at the very bottom center. The text is partially obscured by the model's dress and body.

XÉF
RUI
M, DA
INDUS
TRIA
TÊXTIL

Introdução

O Fórum da Indústria Têxtil completou, nesta sua 18ª edição, duas décadas de existência, tendo-se consolidado como a maior e mais importante conferência sectorial, inclusivamente com escala e reconhecimento europeu.

Criado para juntar a fileira têxtil e vestuário, de modo a discutir os problemas, que lhe são transversais e comuns, privilegiou sempre uma dimensão prospetiva, capaz de antecipar tendências e auxiliar a formulação das estratégias individuais das empresas, atendendo a um contexto global cada vez mais difícil e complexo.

Ao longo de 20 anos o Fórum acolheu praticamente “who’s who” de toda a atividade do

sector, em Portugal e na Europa, tendo igualmente beneficiado da intervenção dos mais prestigiados economistas e publicistas do país. Personalidades como Marcelo Rebelo de Sousa, António Borges, Daniel Bessa, Alberto de Castro, Ernâni Lopes, Francisco Lucas Pires, Javier Guerra, Valente de Oliveira, Leo Gros, Carlos Coelho, José Neves, Luis Mira Amaral, Augusto Mateus, Nicolau Santos, Peter Giernoth, Francesco Marchi, Camilo Lourenço, Paulo Nunes de Almeida, Jean-Claude Lagarrigue, entre muitas outras, incluindo empresários, jornalistas e políticos de todas as tendências, marcaram presença no Fórum, reforçando a sua importância, não apenas como espaço de atualização de co-

nhecimento e debate de ideias, mas como palco privilegiado para a realização do habitual discurso do “estado do sector”, que encerra praticamente o ano económico, transporta as inquietações e reclamações para a esfera do poder político e aponta os grandes objetivos coletivos para o ano que se segue.

Esta edição foi de celebração, pois os indicadores económicos do sector mostram uma trajetória ascendente consistente e à beira de quebra recordes, nomeadamente nas exportações, que tem ainda o mérito acrescido por serem realizadas com metade das empresas e dos trabalhadores que a Indústria contava há duas décadas atrás.

A XVIII edição do Fórum não desmereceu o seu histórico e a escolha dos palestrantes e do tema – “novos modelos de negócio para a fileira têxtil e moda” demonstrou plenamente a importância que o Fórum, tal como a sua entidade organizadora, outorgam à discussão das grandes tendências que marcam o futuro do sector, pois é este que temos obrigação de preparar, de forma que seja o mais próximo possível daquilo que ambicionamos.



O Coordenador do Fórum,
Paulo Vaz



Conclusões

ABERTURA DA SESSÃO

Presidente da ATP
e do Fórum
Paulo Melo

No discurso de abertura do Fórum da Indústria Têxtil sobre “Novos Modelos de Negócio para a Fileira Têxtil e Moda, numa intervenção sobre “o estado do setor”, perante o ministro da Economia e outros responsáveis, o Presidente da ATP, Paulo Melo, puxando pelos ‘galões’ de um ‘Sistema Moda Português’ que pesa 6 % do produto interno bruto (PIB) nacional, movimentou mais de 18 mil milhões de euros e emprega

mais de 320 mil pessoas, disse que existem “**constrangimentos** novos que ameaçam a competitividade das empresas” do sector, frisando que, nas áreas “mais sensíveis”, em vez de uma progressão, está a haver uma inversão da tendência e tornaram-se “problemas particularmente difíceis de ultrapassar”.

“Falo das **reformas estruturais** oportunamente lançadas e que, infelizmente, vemos congeladas, quando não mesmo revertidas, em concreto no domínio **jurídico-laboral**, em que, por exemplo, a simples reposição de **quatro feriados** pode determinar a perda de 200 milhões de euros de exportação deste sector, para as empresas e para o país. Ou o aumento do **salário mínimo**, muito para lá do que as condições da economia permitem, pois implica aumentar mais de 5% não apenas as categorias mais baixas, mas todas as restantes em cadeia”, concretizou.

Paulo Melo invocou ainda o tema do **investimento**, que “depende exclusivamente da confiança dos operadores económicos, a qual em nada beneficia de declarações radicais de políticos com responsabilidades na governação ou no seu apoio”. “Já para não falar do **Portugal 2020**, cujas expectativas foram elevadas e, também por não corresponder, mitiga as intenções de investimento das empresas”, acrescentou.

Perante o ministro da Economia, o presidente da ATP mostrou-se ainda “espantado com a política económica seguida pelo Executivo, privilegiando o **consumo interno**, que também quer dizer as importações, penalizando, em consequência, o crescimento económico”. “É tempo de cair na realidade e mudar o rumo, até porque o Governo tem tido como marca o pragmatismo e não a ideologia”, reclamou.

Paulo Melo sublinhou que não pede ao Estado protecção ou subsídios, pois essa retórica faz parte de um passado que hoje seria anacrónico”, mas pediu ao Governo liderado por António Costa que “**desburocratize**, que **reforme com celeridade o sistema financeiro**, de modo a este poder cumprir o seu papel junto da economia, de forma saudável e em concorrência”.

Na lista reivindicativa desta indústria faz ainda parte uma **discriminação fiscal positiva** “para quem cria riqueza em concorrência aberta com o mundo e quem se atreve a investir”, e também que **flexibilize o quadro jurídico-laboral**, “pois tão ou mais importante do que proteger quem tem emprego, deverá ser ajudar os que procuram trabalhar”. É ainda importante reduzir o peso do Estado.

Paulo Melo pediu “bom senso”, acrescentando que “o que precisamos é de ter empresas competitivas e saudáveis, com os empresários a trabalhar fora, junto dos seus clientes. Os empresários precisam de estabilidade interna que não afete a sua competitividade externa”, resumiu.

O Presidente da ATP, que deu os parabéns a todas as empresas e colaboradores pelos números alcançados pela indústria têxtil e do vestuário, venceu que “Portugal precisa desesperadamente de crescer para ser sustentável” e que a **indústria têxtil “não enjeita as responsabilidades nesta tarefa”**.

DISCURSO DO MINISTRO DA ECONOMIA

Manuel Caldeira Cabral

Na sessão de abertura do Fórum, Manuel Caldeira Cabral procurou garantir aos empresários que a proposta de OE2017 “**não esqueceu as empresas**”. Segundo o ministro, o OE2017 “não esquece as **empresas que investem**”, porque “alarga o crédito fiscal ao investimento”, e “não esquece as **empresas que inovam**”, porque contém “programas de incentivos fiscais focados nas empresas inovadoras”.

Quanto às “**empresas que se capitalizam**”, Caldeira Cabral apontou que este OE “dá um incentivo importante ao considerar a remuneração convencional, alargando esse regime e tornando-o efetivo”.

Sobre **empresas que exportam**, o governante apontou como “sinal importante” a recuperação do

IVA nas importações: “É um aspeto que nos foi dito no passado que era impossível de fazer, mas não aceitamos essa ideia. Em Espanha já é feito e em Portugal vai ser feito a partir de setembro do próximo ano ainda para um conjunto limitado de bens”.

O ministro falou ainda do **Capitalizar**, programa dedicado às empresas que têm dificuldades, apontando que serão apresentadas novidades até ao final do ano, medidas que, segundo o governante, vão “permitir evitar falências desnecessárias e perda de valor de empresas que fecham sem necessidade”.

“Esse processo é exigente e não permite, nem aumentar todos os gastos que seriam por ventura socialmente desejáveis, nem ter uma intervenção de apoio às empresas e de redução fiscal, como seria também eventualmente desejável. **Exige contenção. Exige responsabilidade.** É importante olhar para este OE como

um **orçamento de equilíbrio**, um **orçamento de contenção mas que não esqueceu as empresas**”, disse o ministro da Economia.

Caldeira Cabral também venceu que o OE2017 “garante a continuação de um **processo de consolidação**” e frisou que “o Governo demonstrou bem este ano com os resultados que conseguiu o empenho na **redução do endividamento** que vai continuar com os objetivos a que se propõe para 2017”.

Já sobre o têxtil e vestuário, e perante uma assistência com muitos responsáveis ligados ao setor, Manuel Caldeira Cabral afirmou que “no último mês para o qual há dados [referindo-se a agosto] o setor teve um crescimento de 16% das suas exportações”.

“E acumula desde o início do ano um crescimento de 6%, sendo **um dos setores que está a dar um contributo grande no acelerar do crescimento económico em Portugal**”, destacou, acres-

centando que “Portugal começou o ano com um crescimento de 0,2 em cadeia”, tendo no segundo trimestre atingido “um crescimento de 0,3”.

“E mostra neste momento sinais interessantes que este [terceiro] trimestre pode ser de aceleração do crescimento. São estes sinais de **retoma e o contributo do têxtil que precisamos de realçar**. É um setor que soube, pela inovação e melhoria tecnológica, afirmar-se”, disse.

“Este é um setor que muitos disseram que era um setor tradicional, **mas é hoje em dia um setor muito sofisticado** (...). Muitos vaticinaram que era um setor acabado, mas está a mostrar que **tem futuro e também presente**”, afirmou.

Contem sempre com o apoio do Ministério da Economia, disse, ao encerrar a sua intervenção na abertura.

7 IDEIAS A RETER

Um setor cheio de presente e futuro

“É um enorme prazer voltar a estar nesta casa, onde sempre me sinto bem, a conviver com os empresários de um setor cheio de presente e de futuro”

Esperança no 3º trimestre

“Desde 2014 que Portugal está ter uma recuperação económica. A recuperação está a acontecer a um ritmo que nos satisfaz a todos? Claro que não. Mas há sinais interessantes de que no 3º trimestre se tenha verificado uma aceleração do crescimento”

O aumento mais baixo da energia desde 2006

“Está associado ao SIMPLEX uma ideia de redução dos custos de contextos para a atividade empresarial. O aumento

na energia elétrica andarão nos 1,2%, o mais baixo desde 2006. E no custo do gás há uma redução de 18% para os particulares e de 22% a 26% para as empresas”

Apoio ao investimento em eficiência energética

“O Governo vai abrir uma linha de crédito para financiar os investimentos em eficiência energética. Há casos de empresas que reduziram a sua fatura energética em 20% a 30%”

Digitalização é estratégica

“A digitalização é uma aposta estratégica para um setor tecnológico como o têxtil, que ficou mais competitivo melhorando o processo produtivo e o tempo de resposta às encomendas, apostando na qualidade e na flexibilização que lhe permite produzir séries pequenas”

Orçamento não esquece empresas

“O Orçamento para 2017 é um exercício complexo, que reflete o empenho do Governo no processo de consolidação das finanças públicas e da redução do endividamento – mas não esquece as empresas. Não há espaço para reduzir os impostos de forma generalizada a todas as empresas. Mas estão previstos apoios às empresas que precisam de se recapitalizar, investem em eficiência energética e apostam na inovação”

ITV abraça bem a tecnologia

“A ITV portuguesa é um setor tradicional que abraça bem a tecnologia. Pode não conseguir competir em preço com alguns concorrentes, mas bate-os claramente em qualidade e capacidade de resposta”



Painel 1

20 Anos de Fórum da Indústria Têxtil: Uma Viagem pela História Contemporânea do Sector. Crise e Recuperação

Diretor Geral da ATP
Paulo Vaz

Mentor do Fórum da Indústria Têxtil, que contabilizou **20 anos e 18 edições**, Paulo Vaz fez uma **retrospectiva** desta assembleia magna num fogo cruzado com os momentos históricos do sector nestas últimas duas décadas. «A primeira [edição] tinha como lema **“A indústria têxtil, um lugar de futuro”**, era isso que procurávamos, não queríamos baixar os braços, queríamos continuar a apostar neste sector, e acho que hoje, aquilo que são os indicadores do têxtil demonstram bem que o tecido empresarial, os empresários e os seus colaboradores, não baixaram os braços e conseguiram suportar todo um conjunto de dificuldades e é no fundo essa história de sucesso que felicitamos hoje», destacou.

Neste Fórum, a indústria já **desafiou os políticos** (1998), já se discutiu sobre **competitividade e desafio à competência** (1999), sobre as **grandes tendências** para o milénio (2001), foram

apresentados **dois planos estratégicos para o sector**, da responsabilidade da ATP (2002 e 2014), falou-se de **mudança de paradigma de desenvolvimento** (2004), dos **prós e contras da liberalização do comércio mundial** (2005), da **construção de uma nova competitividade** no mercado global (2006), dos **caminhos da ITV no quadro da globalização** (2007), do **private label na era das marcas** (2008), do **empreendedorismo** (2009), da importância da **inovação tecnológica** para diferenciar e ganhar valor (2010), da necessidade de aumentar as **exportações, o valor e ganhar mundo** (2011), do **financiamento** da atividade para relançar o **investimento** (2012), das **empresas familiares** e da **mudança de geração** e da importância de preservar o sucesso (2013). Houve ainda oportunidade para **celebrar os 50 anos da ATP** e dos desafios do futuro (2015).

Paulo Vaz lembrou ainda os

participantes neste Fórum, fazendo uma **homenagem** a alguns oradores que já não se encontram entre nós: Francisco Lucas Pires, Leo Gros, Jean-Claude Lagarrigue, Henry Tillo, António Borges.

Nesta retrospectiva, Paulo Vaz, foi cruzando os principais momentos vivenciados pelo sector com alguns indicadores de atividade e com a evolução dos temas deste Fórum. Assim, se fez uma viagem desde **1995, com o Acordo sobre os Têxteis e o Vestuário**, e o 1º Fórum Têxtil realizado em 1996, passando pela **adesão da China à OMC, em 2001**, ano em que as exportações de têxteis e vestuário nacionais bateram o record, pela adoção do **euro como moeda oficial da zona euro em 2002**, ao **alargamento da UE a Leste, à liberalização do comércio têxtil mundial**, em **2005** e, mais recentemente, foram recordadas as consequências da **crise económica**

e **financeira global (2008)** que trouxe com ela o registo do pior desempenho desta indústria em 2009.

Resistente e, mais do que isso, **resiliente**, a indústria têxtil e vestuário tem sido uma bem-comportada discípula na cadeira da economia nacional, como apontou o diretor-geral da ATP: «se tudo correr como o esperado, e se este último trimestre for em linha com aquilo que são as nossas projeções, o **volume de negócios** atingirá os 7.200 milhões de euros; a produção os 6.000 milhões de euros, o **emprego volta a crescer**, para 132.000, portanto, acima do que já registámos no ano passado e que também foi um valor em crescimento, e as **exportações** vão finalmente ultrapassar a barreira dos 5.000 milhões de euros, aquilo que era uma meta que tínhamos projetado para 2020 e que vamos de alguma maneira também **antecipar quatro anos**, e a balança comercial

deste ano vai ultrapassar de uma maneira clara a barreira dos 1.000 milhões de euros».

Paulo Vaz lembrou ainda os **desafios e oportunidades** deste mundo novo, com os valores da **sustentabilidade** ambiental, social e económica e da **economia circular** a ganhar terreno, a **engenharia do produto**, a **criatividade orientada** e a **indústria 4.0** a pontificar numa economia cada vez mais **digital**, onde a **logística avançada** e a **industrialização da customização** ganham força, numa **globalização** aparentemente em desaceleração.

BOAS NOTÍCIAS A RETER

Emprego aumenta

A ITV deve fechar o ano com 132 mil trabalhadores, mais que os 129.900 recenseados no final de 2015. Não só estanca a hemorragia como criou emprego.

Balança comercial acima dos mil milhões

No final do ano passado, o saldo favorável da balança comercial foi de 981 milhões de euros. Este ano ultrapassará de forma clara a fasquia dos mil milhões, situando-se nos 1,1 mil milhões de euros.

Volume de negócios aumenta

O volume de negócios da ITV cresce de 6,8 mil milhões para 7,2 mil milhões de euros, no final deste ano.

Objetivos 2020 antecipados

O Plano Estratégico do setor quantificou objetivos para 2020 – mais de sete mil milhões de euros de volume de negócios, 130 mil trabalhadores e cinco mil milhões de euros de exportações – que vão ser atingidos este ano.

Painel 2

NOVOS MODELOS DE NEGÓCIO Conclusões do Congresso Internacional de Negócios da Moda

Presidente do Instituto Brasileiro da Moda
André Robic

André Robic, presidente do Instituto Brasileiro da Moda, apresentou as **conclusões do Congresso Internacional de Negócios de Moda**, que decorreu na *Porto Business School*, nos dias anteriores ao Fórum, fazendo uma nota prévia sobre a existência de poucos trabalhos científicos direcionados à área da gestão em empresas de moda e do estudo mais frequente de temas como a sustentabilidade ambiental, economia digital, gestão do retalho, cultura e causas sociais (género, condições de trabalho, artesanato, luxo, economia criativa, trabalho em rede).

PRINCIPAIS CONCLUSÕES DO CONGRESSO INTERNACIONAL DE NEGÓCIOS DE MODA

Moda e tecnologia na produção

Tecnologia: uso intenso, tendendo a crescer, incorporada em produtos, processos, comunicação; trespassa todas as outras dimensões da empresa.

O trabalho deve ser partilhado e coparticipado. Hoje não existem concorrentes mas parceiros.

Qualidade é tudo – ou nada, sem o marketing.

Indústria 4.0 é a realidade e acessível a pequenas e médias empresas.

A importância da existência de visão, planeamento estratégico setorial e da sua execução, de apoio governamental e de associações para o desenvolvimento de empresas e de *clusters*.

Importância do desenvolvimento das instituições de ensino e do trabalho conjunto com empresas, governos e comunidade.

Moda e tecnologia na operação

Fast Fashion não é baixa qualidade. É necessidade!

O planeamento e a gestão da operação são fundamentais. Quando vou entregar? E como?

A utilização da tecnologia trespassa toda a empresa. CRM, RFID, provador virtual, e-commerce disruptivo, experiências *online*, o fim da privacidade...

Visão nostálgica da era analógica.

O importante é o imaterial. É a capacidade de gerar emoções estéticas e comunicacionais; de criar novos modelos de negócio e de produzir novas conexões.

Moda e tecnologia na comunicação

Marca é inteligência, emoção, relacionamento.

Feiras: modelo de negócio mudou. No passado fechavam-se negócios. Hoje, é para troca de informações, relacionamento, criação de empatia.

E os desfiles? *See now, buy now?*

A vida real: *no photoshop, natural make-up, no hairdo, spontaneous, daily routines, simple things, new luxury.*

A experiência 1to1 (experiência íntima, diferente, especial).

O consumidor é o gerador de conteúdos.

Criar conteúdos, contar histórias e fazer sonhar...

Por último, para os novos modelos de negócio, André Robic, deixa alguns conselhos: importância da visão e do planejamento estratégico; é fundamental resiliência, inovação, agilidade e resposta rápida; não podemos esquecer o uso intensivo da tecnologia em todos os setores da empresa; o cliente é *designer*, é produtor de conteúdos, é agência de comunicação, o cliente é tudo! Já o serviço deve ser a essência de cada empresa. As empresas novas já nascem *conectadas*, as antigas terão de reconfigurar o seu ADN.

Painel 3

DEBATE

NOVOS MODELOS DE NEGÓCIO PARA A FILEIRA TÊXTIL E MODA Sustentabilidade, Digital, Customização, Diferenciação Tecnológica, Logística Avançada.

Moderador

Nicolau Santos, Expresso

Participantes

Ricardo Conceição,
Atelier des Créateurs

Patrícia Paulos, Sonae

Núria Ramirez, H&M

Helder Rosendo, P&R Têxteis

Marco Almeida, Parfois

Comentador

Daniel Bessa, Economista

Os novos modelos de negócio para a fileira têxtil e moda foram debatidos por um painel moderado pelo jornalista Nicolau Santos, em que os protagonistas Ricardo Conceição (Atelier des Créateurs), Patrícia Paulos (Sonae), Núria Ramirez (H&M), Hélder Rosendo (P&R Têxteis) e Marco Almeida (Parfois) falaram da experiência das respetivas empresas em áreas como a **Sustentabilidade, Digital, Customização, Diferenciação Tecnológica e Logística Avançada**, que abarcam precisamente esses novos modelos de negócio.

Depois de ter ouvido as histórias de cinco empresas que representam precisamente esses novos modelos de negócio, Bessa concluiu que “o têxtil já não é o que era”. “Da produção vertical integrada, que ia desde a cultura do algodão até à confeção, passou-se a isto”. E isto eram os casos do **comércio eletrónico**, da **customização** e da **economia circular**.

O ex-ministro da Economia deu depois mais um exemplo de sucesso, o caso da Farfetch, para dizer que o empresário que a criou, o portuense José Neves, consegue resolver no nosso país todos os problemas. “Só não consegue resolver estes: **comunicação, marketing e financiamento**. Por isso é que está em Londres”, frisou.

O reputado economista fez saber que «o cenário dourado que o sector tinha traçado tinha demasiado B2C: acho que isso é outro negócio e apela a outras competências e a outras coisas que não temos. Uma coisa dessas tem competências próprias, é caríssimo em termos de necessidade de investimento e tem evidentemente riscos. Portanto, eu recomendaria a maior prudência a alguém que queira meter-se por esse caminho». Daniel Bessa não resistiu a sublinhar que “o *private label* é a minha Liga Europa aqui no têxtil”.

Daniel Bessa apelou aos empresários do setor têxtil para encontrarem **novas soluções organizativas**. “É preciso gente com outra idade, outra formação, outra mentalidade e outros modos de vida”.

Painel 4

PALESTRA

PALESTRA: INDÚSTRIAS TRADICIONAIS, NOVOS MODELOS DE NEGÓCIO, O MUNDO COMO MERCADO

Vice-Presidente da Câmara de Comércio e Indústria

Paulo Portas

Numa intervenção sobre “Indústrias tradicionais, novos modelos de negócio, o mundo como mercado”, Paulo Portas apontou como sua “grande preocupação atual o estado da Europa”, referindo que esta “julga que é o mundo que tem um problema”: “Não é. É a Europa que tem um problema com o mundo neste momento”, venceu. “A Europa está com uma enorme dificuldade em perceber que o mundo é redondo”, afirmou.

O ex-vice-primeiro-ministro desafiou os presentes no Fórum da Indústria Têxtil a olharem para a lista das dez maiores companhias do mundo, respondendo de imediato que “nenhuma é europeia neste momento: cinco americanas e cinco chinesas”.

Paulo Portas criticou ainda algumas medidas que têm estado a causar polémica e a serem discutidas no continente europeu, lembrando que “**neste momen-**

to a Europa não tem jovens suficientes para sustentar as políticas sociais”, mas “parece que é contra” os migrantes e “passa o tempo na rua a berrar pelos direitos adquiridos”.

“Nós estamos a cavar um modelo muito difícil para a União Europeia se continuamos neste caminho (...). Não há jovens suficientes e a nossa atitude é de rejeição. Então onde estão os ativos que vão financiar os sistemas sociais? (...) E somos contra o livre comércio? Mas como é que nós achamos que vamos crescer?”, disse Paulo Portas.

O vice-presidente da Câmara de Comércio e Indústria também defendeu que “a globalização não é ideológica e, portanto, decisões ideológicas em globalização correm mal”, considerando que “não é possível um país sozinho decidir viver em autarcia”.

“Pode decidir, mas será um

caso muito triste de empobrecimento porque os outros não o fazem ao mesmo tempo”, disse.

Já na fase final da sua intervenção, Portas defendeu que **“quanto mais rígidos forem os Estados e as legislações, quantas mais rígidas forem as empresas e as suas organizações, menor é a capacidade de triunfar em economia aberta”**.

“Se estivermos disponíveis para ser flexíveis, venceremos como Portugal foi capaz de vencer na primeira das globalizações. Se não estivermos disponíveis para ser flexíveis e acompanharmos cabeças rígidas que querem impor modelos rígidos, contribuímos para um empobrecimento geral que nem é bom para as nossas famílias, nem é bom para os nossos países”, concluiu o também ex-líder do CDS/PP.

Paulo Portas deixou algumas palavras de elogio às empresas quando afirmou que tinha a firme convicção de que «as

empresas salvaram um Estado resgatado, porque as empresas tiveram de viver ao mesmo tempo uma crise no mercado interno e uma crise nos mercados tradicionais europeus. No mercado interno, uma recessão, e em muito dos mercados tradicionais com uma desaceleração do crescimento ou mesmo uma estagnação. E, portanto, as **empresas tiveram de reinventar-se duas vezes**: ir para fora e ir para fora para onde não estavam habituadas a ir».

IDEIAS A RETER

Exportações são única boa notícia

“Durante os anos do ajustamento a única boa notícia vinha das exportações, que passaram de 29% a 42% do PIB. Com a sua atitude de ir lá para fora, procurar mercados não tradicionais, as empresas salvaram o país. E, agora que os anos de chumbo terminaram, as exportações continuam a ser um sinal positivo, o único fator de esperança no crescimento da nossa economia. E o setor têxtil deu cartas neste crescimento das exportações”.

Não há na Europa muitos casos como o da nossa ITV

“No espaço de cinco anos, as exportações da ITV aumentaram 25%. Não há na Europa muitos modelos de crescimento como este”.

Elogio à têxtil

“Quero assinalar e elogiar: a têxtil é um dos cinco maiores setores da indústria portuguesa, vale 10% das exportações de bens”.

O triunfo das exportadoras

“Não deve haver dúvidas, num mundo globalizado, triunfam as economias mais exportadoras”.

Enfrentar duas crises

“As empresas salvaram o país, enfrentando duas crises ao mesmo tempo: uma recessão no mercado interno e a desaceleração ou até mesmo a estagnação dos seus mercados tradicionais na Europa”.

O mundo como mercado

“Exportar mais, internacionalizar mais são a chave do sucesso. O mundo como mercado é uma expressão feliz – é a dimensão de uma ambição e a escala de uma possibilidade”.

Previsões e atrevimentos

“Qualquer previsão que exceda um semestre é um atrevimento”.

Flexíveis jogam melhor e ganham mais

“A imprevisibilidade e o risco são fatores desconfortáveis da globalização. Mas quem for flexível joga melhor e ganha mais vezes. Quanto mais rígido for o Estado e a sua legislação e quanto mais rígidas forem as empresas e a sua organização, mais difícil é triunfar”.

Mercados à nossa espera

“Com a globalização, há mais gente a concorrer connosco, mas também há mais mercados à nossa espera”.

A globalização não é uma ideologia

“A globalização não é uma ideologia. Num mundo global, decisões baseadas em ideologia não valem nada. Eu nunca recomendaria decisões ideológicas. Alguém vai aproveitar o lugar que deixamos vago”.

Perceções e realidades

“Vivemos num mundo em que as perceções são tão importantes como as realidades”.

Europa não percebe que o mundo é redondo

“A tendência é para a abertura de mercados. A Europa está com uma enorme dificuldade em perceber que o mundo é redondo. Não é de hoje, mas a Europa continua a perder competitividade de todos os dias”.

Quem para retrocede

“Quem para não fica no mesmo sítio. Quem para retrocede. Com a economia em digitalização acelerada e o e-shopping cada vez mais agressivo. Ficar como estamos é uma ideia suicida”.

Uma boa ideia em Fimalicão

“Uma boa ideia nascida em Fimalicão pode transformar-se em pouco tempo num bom negócio a nível mundial”.

A resposta está na flexibilidade

“O problema verdadeiro está na Europa. Nas dez maiores empresas do mundo há cinco chineses e cinco americanas – nenhuma europeia. Nas dez maiores empresas digitais não há nenhuma europeia. Os Estados Unidos crescem o dobro da Europa. Os Estados Unidos têm pleno emprego e a Europa tem taxas de desemprego nos dois dígitos. Porque será? Porque o que os americanos têm de flexível, nós não temos ou deixámos de ter”.

Ameaça e oportunidade

“A Europa vê a globalização como uma ameaça. Os outros continentes veem a globalização como uma oportunidade”.

Nós somos bons comerciantes

“Portugal é co-autor da primeira globalização. E na altura o peso do fator risco era muito maior do que agora. Havia dúvidas fundadas de que quem partia podia não voltar. Nós somos bons comerciantes. Nós somos bons a triunfar lá fora”.

A woman in a red dress stands against a red background. The dress features large white text. The text on the dress reads: 'XÉFÓ', 'RUI', 'M. DA', 'INDUS', 'TRIA', 'TÊXTIL'. To the right of the dress, there are three vertical white bars. The woman has her hands on her hips and is looking directly at the camera.

XÉFÓ
RUI
M. DA
INDUS
TRIA
TÊXTIL

Síntese Conclusões

A agenda do Ministro da Economia impôs que o habitual discurso do estado do sector fosse realizado no início da sessão e não no seu fim, como seria natural, perdendo-se assim a sua relação com a apresentação dos indicadores sectoriais e a sua estimativa para 2016. Seja como for, o Presidente da ATP, de forma clara e sustentada, deu nota das inquietações da Indústria, apesar dos bons números previstos para o ano. A competitividade das empresas, ameaçada pela reversão de medidas implementadas pela “*troika*”, durante o período de resgate, nomeadamente no que respeita à reposição dos feriados, as intenções de alteração do quadro jurídico laboral, os custos exorbitantes da energia e a persistência no acesso ao crédito e ao custo do dinheiro, a que acresceram as preocupações relativas ao investimento que não arranca e ao quadro político que não apre-

senta consistência nem estabilidade para futuro, foram as notas mais salientes da intervenção de Paulo Melo. Como resposta, o Ministro mostrou-se muito satisfeito pela resposta que o sector Têxtil e Vestuário deu à crise que enfrentou na primeira década do século e como conseguiu reestruturar-se, reinventar-se e, encontrando outros “*drives*” de diferenciação, se apresenta hoje revigorado, dinâmico e em expansão, sendo modelo para outras atividades da economia nacional.

No primeiro painel dos trabalhos, o Diretor-geral da ATP, Paulo Vaz, realizou uma análise histórica da evolução do sector nas últimas duas décadas, acompanhando o período em que o Fórum já existe, explicando os números e os factos que determinaram a crise e a recuperação que empreendeu.

O segundo painel contou com

a intervenção do Presidente do IBM – Instituto Brasileiro da Moda, André Robic, que apresentou as conclusões do Congresso Internacional de Negócios de Moda, que decorreu na Porto Business School, nos 2 dias anteriores, sendo que a tónica principal o cruzamento entre a inovação, a tecnologia e a sustentabilidade, que irá informar o futuro da indústria nos próximos anos.

O terceiro painel teve a forma de debate, moderado pelo jornalista Nicolau Santos, do Expresso e da SIC, contando com a participação de Ricardo Conceição, do Atelier des Createurs, Patrícia Paulos, da Sonae, Núria Ramirez, da H&M, Helder Rosendo, da P&R Têxteis, e Marco Almeida, da Parfois, sendo cada um representante de um especial modelo de negócio no sector, que se encontra em plena expansão, respetivamente a industrialização da customização do vestuário (à medida e perso-

nalizado), o comércio eletrónico como canal alternativo em forte afirmação e pleno de oportunidades, a economia circular, os têxteis de alta tecnicidade e as redes de retalho em mutação para o *omnicanal*.

Foram intervenções interessantes e ricas, promissoras de um novo paradigma que se está a criar para a indústria em que os novos modelos de negócio se apresentam já como o seu *“mainstream”*, pelo que quem os ignorar, a prazo, está colocado fora da indústria. Este foi o comentário e a conclusão principal da intervenção final de Daniel Bessa, que teceu igualmente um rasgado elogio à capacidade que a ITV portuguesa revelou, resistindo e relançando-se, superando as melhores expectativas, dando nota ainda às competências únicas que o *“private label”* exhibe e que o tornam um caso de excelência ao nível internacional.

Finalmente, o último painel, tratado pelo “key speaker” convidado, Paulo Portas, dedicado ao tema “Indústrias Tradicionais, Novos Modelos de Negócio, o Mundo como Mercado”, centrou-se nas tendências emergentes de protecção, à escala global, com destaque para o “Brexit” e para a possível eleição de *Donald Trump*, nos EUA, assim como a entropia que paralisa a Europa e as suas instituições, incapazes de lidar economicamente o mundo e, inclusivamente, o seu destino, que trazem novas preocupações para a economia portuguesa e deverão colocar de sobreaviso uma indústria eminentemente exportadora, como é o Têxtil e o Vestuário portugueses, embora confie que encontrará sempre as fórmulas adequadas para combater as dificuldades e os obstáculos que encontra, como tão bem demonstrou no passado.

Vila Nova de Famalicão
30 de novembro de 2017



Paulo Vaz
Fundador e Coordenador do
Fórum da Indústria Têxtil

X

**FÓRUM
M. DA
INDÚS
TRIA
TÊXTIL**

